

"UM MAGNÍFICO
AUTOR DE SUSPENSE."
STEPHEN KING

**PIERRE
LEMAITRE**

**RECURSOS
DESUMANOS**

Ele só queria um emprego de volta

O livro
que inspirou
a série da
NETFLIX

 GUTENBERG

RECURSOS DESUMANOS

PIERRE
LEMAITRE

RECURSOS DESUMANOS

Ele só queria um emprego de volta

TRADUÇÃO
ZEFERE

2ª EDIÇÃO

 GUTENBERG

Copyright © Calmann-Lévy, 2010

Título original: *Cadres noirs*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

www.editoragutenberg.com.br

Publicado anteriormente no Brasil pela Editora Vestígio.

EDITORAS RESPONSÁVEIS *Flavia Lago Rejane Dias*

PREPARAÇÃO DE TEXTO *Cristina Antunes*

REVISÃO *Eduardo Soares*

CAPA *Diogo Droschi (sobre imagens de Manjik/Shutterstock e Ostill/Shutterstock)*

DIAGRAMAÇÃO *Waldênia Alvarenga*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Lemaitre, Pierre

Recursos desumanos : ele só queria um emprego de volta / Pierre Lemaitre ; tradução Zéfere. -- 2. ed. -- São Paulo : Gutenberg, 2020.

Título original: *Cadres noirs*

ISBN: 978-65-86553-21-5

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) I. Título.

20-38894 CDD-843.0872

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

*Para Pascaline.
Para Marie-Françoise, com todo meu afeto.*

Faço parte de uma geração de má sorte, que se encontra num equilíbrio instável entre os tempos antigos e os tempos modernos e que não se sente à vontade nem aqui nem lá. Ademais, como já devem ter notado, sou um homem sem ilusões.

G. Tomasi di Lampedusa, *O leopardo*

antes

Nunca fui um homem violento. Por mais longe que eu volte nas minhas lembranças, nunca quis matar ninguém. Uma ou outra crise de raiva, sim, mas nunca tive vontade de realmente machucar. De destruir. Então, necessariamente, isso me deixou surpreso. A violência é como o álcool ou o sexo, não é um fenômeno, mas um processo. A gente mal percebe e já está dentro, simplesmente porque chegou no ponto, porque isso acontece exatamente na hora certa. Eu sabia que estava morrendo de raiva, mas nunca imaginei que aquilo se transformaria num furor de tanta frieza. É isso que me deixa com medo.

E que tenha se voltado contra Mehmet, francamente...

Mehmet Pehlivan.

Ele é turco.

Faz dez anos que vive na França, mas tem menos vocabulário que uma criança de dez anos. Só sabe se expressar de duas formas: ou berra ou emburra. E, quando berra, mistura o francês com o turco. Ninguém entende nada, mas todo mundo consegue ver muito bem quem ele acha que a gente é. Na Transportadora Farmacêutica, onde eu trabalho, Mehmet é “supervisor” e, conforme uma regra vagamente darwiniana, cada vez que ele sobe de posto, logo passa a desprezar os antigos colegas e considerá-los mais ou

menos como vermes. Vi isso acontecer com bastante frequência durante minha carreira, e não somente com trabalhadores migrantes. Com muita gente que vinha do baixo escalão, na verdade. Basta subirem que eles se identificam com os chefões da empresa, com uma convicção tamanha que nem os próprios chefes sonham que existe. É a síndrome de Estocolmo aplicada ao mundo do trabalho. Atenção: Mehmet não se acha o chefe da empresa. Melhor ainda, quase: ele encarna, ele “é” o chefe nos momentos em que o chefe não está por perto. Claro que aqui, numa empresa que deve contar com uns duzentos assalariados, não há um chefe propriamente dito, somente chefes. Ora, Mehmet se sente importante demais para se identificar com um simples chefe. Aquilo com o que ele se identifica é uma espécie de abstração, um conceito superior que chama de Direção, o que é vazio de conteúdo (os diretores, aqui, ninguém conhece) mas cheio de sentido: a Direção, o mesmo que dizer o Caminho, a Via. À sua maneira, ao subir no escalão da responsabilidade, Mehmet se aproxima de Deus.

Eu começo às 5 horas da manhã, é o que a gente chama de trabalhinho ingrato (quando a gente emprega a palavra “trabalhinho”, sempre acrescenta o ingrato, por causa do salário). A tarefa consiste em fazer a triagem de pacotes de medicamentos que seguem depois para as farmácias do subúrbio. Eu mesmo não estava lá para ver, mas, antes de se tornar “supervisor”, parece que Mehmet fez isso durante oito anos. Hoje sente o maior orgulho por ter três vermes sob seu comando, o que não é pouca coisa.

O primeiro verme se chama Charles. Nome estranho para um sem-teto. Ele é um ano mais novo que eu, magro feito um palito e louco por uma birita. A gente fala que ele é sem-teto para facilitar, mas, na verdade, tem um domicílio. Fixo, mesmo. Ele mora no carro, que faz cinco anos que não anda mais. Brinca que é seu “autoimóvel”, típico do humor de Charles. Ele usa um relógio de mergulho do tamanho de um prato, com um monte de mostradores

diferentes. E com uma pulseira verde fluorescente. Não faço ideia do lugar de onde Charles veio nem de como foi chegar a esse ponto. Tem algo engraçado nele. Não sabe, por exemplo, por quanto tempo ficou inscrito nas listas de espera por um apartamento num HLM, uma habitação de locação moderada, mas conta com precisão o prazo decorrido desde que desistiu de renovar o pedido na prefeitura. Cinco anos, sete meses e dezessete dias na sua última contagem. O que Charles calcula é o tempo decorrido desde que perdeu toda a esperança de ser realojado. “A esperança — diz ele com o dedo em riste — é uma canalhice inventada por Lúcifer para que os homens aceitem pacientemente sua condição.” Não é frase dele, já ouvi isso em algum lugar. Procurei a citação, não achei. De qualquer forma, isso serve para mostrar que, por detrás do bebum, existe um Charles que é culto.

O outro verme é um cara jovem, Romain, um rapaz de Narbonne. Como tinha obtido certo sucesso no clube de teatro da escola onde fez o ensino médio, sonhou em se tornar ator e, logo depois do vestibular, subiu para Paris, mas nunca conseguiu receber nenhum cachê por causa do seu “r”, vibrante como o de D’Artagnan. Como o de Henri IV. Com esse sotaque escabroso, todo mundo ri quando ele diz: “Que não sendo quinhentos os que juntos saímos... três mil e tantos, quando o pé firmei no porto...”. Ele tomou aulas que não deram resultado nenhum. Foi fazendo um trabalhinho mais ingrato que o outro, para ainda poder se apresentar em cada uma das audições que apareciam, sem nunca ser escolhido. Um dia, entendeu que sua fantasia nunca iria se realizar. Romain, ator de cinema, caso perdido. Ainda por cima, a maior cidade que conhecia era Narbonne. Rapidamente, Paris cuidou de esmagá-lo, aniquilá-lo. Ele começou a sentir certo *spleen*, uma nostalgia da infância, uma saudade da sua região. Só que não quis voltar para casa de mãos vazias. Está tentando fazer seu pé de meia e agora só sonha com um papel, o do filho pródigo. Com esse único objetivo, vai acumulando o máximo de trabalhinhos ingratos que consegue

achar. Tem vocação para formiga. As horas que sobram para ele, passa no Second Life, no MSN, MySpace, Twitter, Facebook e num monte de outras redes, nesses lugares onde suponho que ninguém ouve seu sotaque. Segundo Charles, ele leva muito jeito com informática.

Meu turno é de três horas todos os dias pela manhã, o que me rende 585 euros, bruto (quando a gente fala de um salário ingrato, sempre acrescenta a palavra bruto, por causa da carga dos impostos a deduzir). Volto para casa lá pelas 9 horas. Se Nicole sai um pouco atrasada, a gente dá a sorte de se cruzar. Quando isso ocorre, ela me diz: “Estou atrasada” e me dá um beijo no nariz antes de bater a porta.

Então, hoje de manhã, Mehmet estava furioso. Como se sentindo pressionado. O que imaginei foi que a esposa não o tinha tratado bem. Estava andando rápido pela plataforma em que ficam alinhadas as caixas e os pacotes, num ritmo descoordenado. Segurava com tanta força a lista que tinha na mão que suas articulações chegavam a estar brancas. Dá para sentir que esse sujeito tem grandes responsabilidades e que seus problemas pessoais não caíam numa boa hora. Cheguei exatamente no meu horário, mas, logo que me viu, ele abriu o maior berreiro. Minha opinião é de que chegar no horário não é o bastante como prova de motivação. Ele chega pelo menos uma hora adiantado. Impossível compreender a integralidade da sua gritaria, mas captei o essencial, ou seja: que, para ele, eu sou um bunda-mole.

Apesar de Mehmet dar tanta importância para o serviço, o trabalho em si não é tão complicado. A gente faz a triagem dos pacotes, coloca tudo dentro de outras caixas, em cima de paletes. Normalmente os códigos das farmácias estão escritos bem grande nos pacotes, mas, às vezes, não sei por quê, vêm sem o número. Romain diz que deve ser um problema de configuração de impressora. Nesse caso, o código pode ser encontrado numa longa sequência de caracteres impressos bem pequeno numa etiqueta.

São os décimo, décimo segundo e décimo terceiro caracteres. Eu, que preciso dos meus óculos, acabo me atrapalhando todo. Tenho que pegar no bolso, colocar, baixar, contar os caracteres... Me faz perder um tempão. Se eu fosse visto fazendo aquilo, a Direção poderia se irritar. Pois é, justamente nessa manhã, o primeiro pacote que peguei estava sem o código. Mehmet começou a berrar. Eu me inclinei. Foi nesse momento que ele meteu o pé na minha bunda.

Era um pouco depois das 5 horas da manhã.

Eu me chamo Alain Delambre, tenho cinquenta e sete anos.

Sou um executivo desempregado.